

## **Folha de S. Paulo**

**17/02/2008**

### **No interior de São Paulo, bairro pobre concentra canavieiros**

Da Agência Folha, em Igarapava

Às 5h30, quando a maior parte de Igarapava (446 km de São Paulo) ainda dorme, quase todos os moradores do Campo de Aviação, bairro na periferia da cidade, estão acordados.

A maior parte é de canavieiros, migrantes do Maranhão, de Pernambuco e do interior de Minas Gerais — gente que veio para colher uma safra e ficou. Levantam às 5h para fazer a comida que levarão até as frentes de trabalho, não muito longe dali. Trabalham das 7h às 15h. Conseguem entre R\$ 500 e R\$ 700 por mês. Alguns estão ali há pouco mais de 30 anos, quando a ocupação surgiu. Os casebres, erguidos com tijolos baianos ou pedaços de madeira, podem abrigar até 30 homens na época da colheita, quando a cidade recebe cerca de 8.000 trabalhadores de fora, de acordo com a prefeitura.

"É a lei do cão", diz o morador Luiz Antônio Rodrigues, 56, que parou de cortar cana há dez anos, depois de ter um pulmão atingido por um cabo de aço durante o trabalho.

Poucos moradores do Campo tomaram conhecimento da blitz do Ministério do Trabalho que libertou 42 trabalhadores, em junho de 2007, em uma unidade do grupo Cosan, perto da cidade — a única ação de resgate em empresas sucroalcooleiras em São Paulo no ano passado. Talvez porque, para todos os canavieiros de Igarapava com quem a Folha conversou, o maior vilão da cultura da cana não sejam as empresas, mas a própria natureza do trabalho.

"Hoje todas [as usinas] dão caneleira, óculos, água gelada no campo. É a maior moleza", afirma um dos moradores, de 45 anos, que não diz o nome e é conhecido por ser o "gato" (agenciador de mão-de-obra) do bairro. Depois de mostrar as cicatrizes de facão em sua perna, lembra que material de proteção era raro. "Quando ganhei minha primeira bota, não tirei nem para dormir", afirma.

**(Dinheiro — Página 4)**